

Narrativas fotográficas: uma contribuição para a formação do professor

Photographic narratives: a contribution to teachers formation

Clóvis Trezzi*

Moyses Romero Borges Oliveira**

Margarete May Berkenbrock-Rosito***

Resumo

Este artigo bibliográfico tem por objetivo desenvolver a ideia de que a formação de professores não pode ser restrita ao espaço acadêmico. Ela é um itinerário que se estende por toda a vida do professor e, como tal, precisa de instrumentos que ajudem neste processo. Uma das ferramentas, embasada em Ricoeur (2010), são as histórias de vida que visam a formação da identidade narrativa do professor. Compreendendo-se como narrativa não apenas a oral ou textual, mas qualquer outra forma de contar a própria história, este artigo desenvolve a ideia de que a utilização de fotografias é uma maneira de narrar-se. Entrar em contato com a própria história a partir de fotografias é uma forma de aprofundar a reflexão sobre si e buscar o desenvolvimento da identidade docente. O artigo conclui que o processo de crescimento pessoal, que ocorre por toda a vida, pode ser potencializado utilizando-se esta ferramenta que vai ajudar o professor a conhecer-se melhor e, assim, perceber-se como educador.

Palavras-chave: Narrativas. Fotografia. Identidade narrativa.

* Doutor em Educação pela Unilasalle Canoas, Brasil; Professor na Universidade La Salle Canoas, Brasil; Email: clovistr@yahoo.com.br

** Especialista em em Gestão Escolar pela Universidade Cidade de São Paulo, Brasil; Coordenador no Colégio Diocesano La Salle, São Carlos, Brasil; Email: moyses.romero@lasalle.org.br

*** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil e Pós-Doutora em História da Educação pela Universidade de Lisboa, Portugal; Professora e Pesquisadora (Mestrado em Educação e Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais) na Universidade Cidade de São Paulo, Brasil; Email: margarete.rosito@unicid.edu.br

Abstract

This bibliographic article aims to develop the idea that teacher education cannot be restricted to the academic space. It is an itinerary that extends throughout the teacher's life and, as such, needs tools to help in this process. One of the tools, based on Ricoeur (2010) is the life stories that aim at the formation of the teacher's narrative identity. Understanding as narrative not only oral or textual, but any other way of telling the story itself, this article develops the idea that the use of photographs is a way of narrating oneself. Getting in touch with one's own story through photographs is a way to deepen the reflection on oneself and seek the development of the teaching identity. The article concludes that the lifelong process of personal growth can be enhanced by using this tool that will help the teacher to know himself better and thus to perceive himself as an educator.

Keywords: Narratives. Photography. Narrative identity.

Introdução

Este artigo, de caráter bibliográfico, trata de um aspecto da formação de professores. Compreende-se que formar professores não é apenas desenvolver um projeto formativo baseado nas atividades acadêmicas. Furlanetto (2007, p. 6) diz que é preciso perguntar: “Como possibilitar aos educadores esta compreensão profunda e simbólica do ato de aprender? Como acompanhar aqueles que desejam percorrer este trajeto?”. Estas perguntas deixam entrever que a formação de professores é um itinerário a ser percorrido e, para percorrê-lo, são necessárias ferramentas diversas que ajudem neste processo. Este artigo desenvolve uma destas ferramentas que é a utilização de narrativas autobiográficas utilizando fotografias.

Embora, numa primeira mirada, a associação da fotografia com as narrativas não seja tão clara, Martins (2017) é um exemplo de estudo que faz essa associação com as narrativas da vida cotidiana, construindo uma sociologia da fotografia.

O presente artigo situa as narrativas fotográficas na perspectiva da formação do professor, baseando-se na hermenêutica de Ricoeur. Parte do princípio de que “a fotografia, vista como conjunto narrativo de histórias [...] se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará” (MARTINS, 2017, p. 45).

A pergunta que motiva este trabalho é: como se pode desenvolver a formação da identidade do professor para além do itinerário formativo acadêmico? A inspiração para isso vem de Furlanetto (2007, p. 14):

Para pensar em formação de professores, neste momento, é necessário ir além de modelos que privilegiem a racionalidade técnica; [...] Não podemos mais pensar em um professor abstrato, genérico, não podemos mais acreditar, de maneira ingênua, que a formação dos professores acontece apenas nos espaços destinados a esse fim. Cada vez fica mais claro que as professoras e os professores [...] – com histórias pessoais forjadas nas relações que estabelecem com o outro, a cultura, a natureza e consigo mesmos – fazem escolhas, criam-se e recriam-se encontrando formas de crescer e de se exercer profissionalmente.

Este espaço – inexplorado, a nosso ver – precisa ser preenchido com elementos que façam com que a formação de professores seja, de fato, um itinerário, e não apenas um processo que tem um fim no dia em que a formação acadêmica termina. Queremos, com este artigo, mostrar que as diversas ferramentas que podem ser utilizadas para ajudar o professor na construção da sua identidade profissional precisam ser vistas nesta perspectiva – a de ajudar o professor a buscar, na própria vida, espaço para crescer.

As narrativas autobiográficas

O trabalho com as narrativas autobiográficas traz aportes importantes para o mundo da educação. Pesquisas feitas nessa área por pesquisadores como Josso (2004) e Passeggi (2011) apontam para o fato de que quanto maior o conhecimento da história pessoal e a capacidade de falar dela, maior o desenvolvimento da identidade pessoal e profissional. Nesse sentido, o sujeito é capaz de reconhecer a sua identidade.

Esse pensamento segue a linha de pesquisa de Ricoeur, que faz algumas interrogações sobre a ideia da narrativa como um elemento que traz aportes importantes à própria vida:

Não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? E estas 'histórias da vida' não se tornam elas, por sua vez, mais inteligíveis, quando lhes são aplicados modelos narrativos – as intrigas – extraídas da história e da ficção (drama ou romance)? (RICOEUR, 2000, p. 2).

Assim, a partir desses questionamentos, chegamos logo de início à ideia de que as narrativas são elementos-chave para a compreensão e interpretação das histórias de vida. Os questionamentos do autor remetem à ideia de que quanto mais as histórias forem narradas, maior o convívio com elas e, ao mesmo tempo, melhor a compreensão. Como a narrativa *de per se* é apenas um jogo de palavras, ela é como a obra de arte, que é construída e observada, depois interpretada.

De acordo com Passeggi (2011, p. 6),

As narrativas como artefatos discursivos de formação existencial e profissional, dentro de um contexto institucional, nos levavam a discutir a complementaridade das noções de *experiência* e *existência*, que co-existem na expressão *educação existencial*. Se a noção de *existência* nos conduz à presença viva do humano, sua dimensão biológica nos espaços e na temporalidade do seu viver, como uma realidade objetiva, marcada por um começo e um final, a etimologia do termo experiência (*experire*) evoca, por sua natureza cambiante, uma estreita relação com o contínuo evanescer da formação humana em suas múltiplas instâncias. A formação, como sugere Pineau (2004), acontece na relação com o outro (heteroformação; co-formação), com as coisas do mundo (ecoformação) e consigo mesmo, na solidão do existir (autoformação).

Pineau (2004, p. 198) afirma que “as pessoas em formação não fazem sua história de vida para fazer literatura e menos ainda num sentido disciplinar”. Segundo ele, a história (narrativa) de vida é produzida “para viver”. O autor ainda afirma que o uso formativo das histórias de vida é trabalhar o todo da pessoa de maneira que ela própria possa se interessar pela sua história e buscar os elementos que a completam.

Se a narrativa de vida é importante na formação da pessoa, considera-se que a mesma possui um papel fundamental na formação do profissional. A formação da identidade, tanto pessoal quanto profissional, está diretamente ligada à história de vida da pessoa. No campo da educação, o diálogo com a própria história ajuda a criar a compreensão de que é possível saber, no dizer de Furlanetto (2007), “como nasce um professor”, ou seja, os processos de individuação e formação do professor. Não é o único motor na geração da identidade profissional do professor, mas com certeza configura-se como um elemento importante, como mostram as páginas seguintes.

A fotografia como narrativa autobiográfica

Quando se fala em narrativa autobiográfica é necessário ir além do texto escrito ou falado. Ricoeur trabalha a narrativa como sendo de ficção ou histórica, incluindo nessa segunda categoria as biografias e autobiografias, e na primeira, além dos romances, o teatro e o cinema (RICOEUR, 2000). Além deles, a fotografia é um importante instrumento narrativo, e pode ser usada tanto para mostrar a realidade tal qual é, livre de interpretações quanto para interpretar a realidade. Por ir além das palavras, a fotografia pode ser lida desde diferentes enfoques, como mostra Martins (2017).

Este autor indica que “a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento” (MARTINS, 2017, p. 11). A partir dessa lógica, o autor desenvolveu um tratado sobre a sociologia da fotografia e da imagem. Coloca a ideia de que trabalhar o ambiente social sem o uso da fotografia faz com que esse trabalho se torne menos fiel. A fotografia, ao mesmo tempo, oculta e revela coisas. Ela “nutre a interpretação por uma contínua remessa ao real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e redefine significações [...]” (MARTINS, 2017, p. 37).

É nesse sentido que, de acordo com Souza (2007, p. 4), é possível encontrar na fotografia elementos que associam tempo e memória, porque esta trabalha ao mesmo tempo com o dito e com o não-dito. Ela estabelece relações

[...] que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas e das

dimensões existenciais do sujeito narrador. É evidente que a memória inscreve-se como uma construção social e coletiva e vincula-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. A relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e o não-dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas. O não-dito vincula-se às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou de uma experiência.

Esses dois fatores, tempo e memória, são fundamentais quando se trata de narrativa histórica. Ricoeur (2010) dedicou toda uma obra de três volumes ao assunto, na qual discute a relação entre o tempo e a narrativa, partindo de Santo Agostinho e Aristóteles. Nessa discussão, que é o ponto de partida para chegar ao conceito de identidade narrativa, ele chega a afirmar que um determinado evento só pode ser localizado no tempo se puder ser narrado (RICOEUR, 2000, p. 10).

O tempo e a narrativa, ou o tempo e a memória, caminham sempre juntas. É normal que, quanto maior a distância entre o fato ocorrido e o narrado, maior seja o hiato existente entre narração e realidade. Não que nesses casos o narrado seja mentira, mas ele foi sendo acrescido e modificado por outros elementos que passaram a fazer parte da vida em outros momentos. Ricoeur (2008, p. 25) diz ainda que memória e imaginação não podem ser dissociadas: “se essas duas afecções estão ligadas por antiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela”. O mesmo autor já havia afirmado em outra ocasião que ficção e história estão entrelaçadas:

A interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada – esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia, ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção (RICOEUR, 2000, p. 2).

Se consideramos a fotografia como narrativa – e de fato aqui o fazemos, com base em Martins (2017), – encontramos justificativa suficiente para trabalhá-la como narrativa autobiográfica. Embora a perspectiva de Martins não seja a mesma de Ricoeur (este último trata da narrativa na perspectiva antropológica, como parte da identidade da pessoa enquanto Martins desenvolve a ideia da fotografia como elemento que narra a identidade de uma sociedade), a fotografia enquanto narrativa autobiográfica pode encontrar respaldo nos dois autores, pois a ideia de identidade está presente e ambos. A fotografia apresenta-se como elemento integrador. Apesar de ser manipulável, ou de ser passível de interpretação, a fotografia mostra a realidade, de certa forma reduzindo essa distância entre memória e narrativa.

De acordo com Oliveira (2011, p. 94), “qualquer imagem fotográfica tem atrás de si uma história, uma experiência, que é focada e documentada”. Isso confirma a ideia de que ela pode ser usada como narrativa autobiográfica. Por usar uma linguagem não verbal, cabe ao pesquisador fazer a devida hermenêutica.

Compreender a imagem fotográfica como narrativa supõe pesquisa e interpretação. A fotografia é também arte, na medida em que permite que, diante dela, se possa viver uma experiência estética. Relatando sua vida através das imagens, a pessoa pode vivenciar melhor aquilo que está narrando, e aqueles para quem se narra podem compreender melhor a pessoa e o que está por trás da narrativa.

Oliveira diz que a finalidade da fotografia enquanto instrumento autobiográfico é

[...] transmitir e compreender determinadas informações que estão registradas na história pessoal, ou de um grupo, da cultura ou de um determinado período do passado e presente da nossa vida. A fotografia tem uma linguagem própria e sendo assim, possui também um signo, um significado. Na medida em que a fotografia que se manifesta, se declara e possui um enunciado, uma narrativa, tornando viável produzir conhecimento (OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Essa transmissão e compreensão de informações são o foco da pesquisa com narrativas autobiográficas. Elas são compreendidas como uma produção de conhecimento a partir da própria vida das pessoas envolvidas

no processo. Olhar para a história e compreendê-la é fundamental para a compreensão da própria identidade.

O uso de fotografia como narrativa justifica-se também pelo pensamento hermenêutico de Ricoeur (1999), que afirma que a imagem, mormente a pintura, mas também a fotografia, são a iconicidade da narrativa, e que “a iconicidade é a reescrita da realidade”. Assim sendo, texto e imagens se complementam, e muitas vezes a imagem diz aquilo que o texto escrito não consegue dizer.

A identidade narrativa na formação do professor

O filósofo francês Paul Ricoeur desenvolveu, nos últimos anos de sua vida – ele faleceu em 2005 –, a ideia de identidade narrativa. De acordo com o conceito desenvolvido por ele (RICOEUR, 2010, p. 93), toda narrativa, incluindo as autobiográficas, passam por 3 etapas, que ele, adotando a linguagem de Aristóteles na “Poética”, chama de *Mimese* (imitação), que ajudam a configurá-la como narrativa. Ele a dividiu assim: *Mimese I* ou prefiguração, *Mimese II* ou configuração e *Mimese III* ou refiguração. Cada etapa dessas corresponde a uma fase na construção da narrativa. A prefiguração é o momento que antecede a narrativa, que envolve inclusive o momento em que os fatos acontecem. A configuração é a narração em si, e a refiguração é aquilo que ocorre com a pessoa depois da narração feita. É essa a parte que mais interessa a Ricoeur, porque é a partir dela que se apresenta a identidade narrativa, ou seja, a identidade da permanência ou da mudança.

Por outro lado, o mesmo autor afirma que o ser humano é *idem* e *ipse* (RICOEUR, 2000, p. 3). Esses dois termos, em latim, têm o mesmo sentido, que pode ser traduzido como o “si mesmo”. Contudo, *idem* é no sentido daquilo que permanece na pessoa enquanto identidade imutável, e *ipse* é o que é mutável, ou seja, os elementos que podem ser moldados pelo ser humano ao longo da vida, ou a ideia de Freire (2003) de que o ser humano é inconcluso, ou seja, está em constante processo de construção de si.

Na perspectiva ricoeuriana, as narrativas possuem em si mesmas o potencial de serem geradoras de identidade. Ao narrar-se, o ser humano vivencia uma aprendizagem, uma capacidade de conviver com a sua história, potencialmente chegando a uma capacidade maior de compreender-se enquanto pessoa e enquanto ser-no-mundo.

A identidade narrativa, assim, é o resultado do contato com a própria história. Não se resume apenas a contá-la, mas é um processo de reflexão sobre ela. Este processo, que se poderia chamar de práxis histórica, é um exercício que tem por objetivo não apenas o autoconhecimento, mas uma hermenêutica profunda da própria vida.

As narrativas são um processo criador e são educativas, pois, segundo Freire (2008), a educação também é um ato criador, pois trabalha com a essência do ser humano. Na mesma perspectiva, ao lidar com o processo de formação do professor, é preciso pensar que, para além do profissional, está uma pessoa com um processo pessoal de desenvolvimento. Formar o profissional não é tão difícil; formar a pessoa é um processo mais profundo.

Por que é importante o professor entrar em contato com a própria história? Ao desenvolver o método da Colcha de Retalhos como uma forma de ajudar os professores a apropriarem-se da simbologia presente na própria história, Berkembrock-Rosito (2010, p. 34) diz que

Narrar a própria história significa narrar a realidade brasileira, do mundo, um saber cheio de perplexidades, dúvidas, questionamentos, descobertas e ansiedades, para compreender como o sujeito faz a História. Ao contar, o sujeito desvela a si mesmo e ao outro, mostrando o sentido de narrar a história de si no contexto da formação de professores.

Portanto, se identidade narrativa é aquela resultante do processo de narrar-se, temos que as narrativas de vida são um percurso ou um trajeto formativo que tem como objetivo ajudar o professor a perceber a sua identidade enquanto educador. Se afirmamos anteriormente que é preciso preencher certas lacunas que existem no processo formativo acadêmico profissional, as narrativas de vida ocupam um lugar importante nesta formação.

Considerações finais: o uso da narrativa fotográfica na formação

Existem diversas maneiras de se trabalhar as histórias de vida. Um método difundido é o acima apresentado que se intitula “Colcha de

Retalhos”. Este método visa trazer para o mundo concreto os elementos simbólicos presentes na história pessoal e, através da narrativa oral e simbólica da vida, construir, com o grupo, uma colcha de retalhos que se transforma na identidade simbólica individual e ao mesmo tempo grupal. Este método é explicado por Berckembrock-Rosito (2010).

Contudo, já afirmamos anteriormente que a expressão oral ou escrita não é a única maneira de narrar a própria história. Há outras. Os próprios acontecimentos podem ser olhados como narrativa. Debruçamo-nos aqui sobre as narrativas fotográficas.

Josso afirma que “formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos [...]. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração” (2004, p. 39). Mais adiante, a autora, com as seguintes palavras: “ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida” (op. cit., p. 43), coloca a questão da humanidade e das histórias, ou seja, do simbolismo que permeia a nossa vida enquanto seres humanos.

O uso de fotografias como narrativa autobiográfica pode ocorrer de várias maneiras. Não tem sido nosso objetivo apontar caminhos práticos, mas fundamentar a possibilidade, demonstrando, a partir do que já foi escrito sobre o assunto, que há uma relação íntima entre a narrativa oral e a fotográfica, e ambas levam à identidade narrativa.

Ao compreender o ser humano com ser eternamente inconcluso, Freire (2008) abre caminhos para a potência de mudança, e reafirma o que diz Ricoeur (2010) ao trabalhar a dimensão da *ipseidade*. Essa abertura permite que se busquem possibilidades por toda a vida. O trabalho autobiográfico não é uma atividade de autoconhecimento, mas uma atividade legítima de pesquisa acerca da própria vida.

Portanto, dentro da formação de professores, as narrativas autobiográficas são uma forma de dar-se a conhecer o ser do educador. Além de buscar nele próprio elementos para trabalhar e trabalhar-se, o ser do educador enquanto profissão se desvela. A *ipseidade* como elemento da vida se apresenta como a capacidade que o ser humano tem de se reconstruir. Quanto ao uso das fotografias nas narrativas, elas carregam em si a possibilidade da memória. Enquanto as narrativas orais ou escritas dependem muito mais da imaginação, as fotografias trazem a possibilidade de interpretação a partir da imagem, o que permite centrar mais a atenção na memória.

Ao fazer um ensaio fotográfico sobre o Carandiru, Martins (2017) chamou-o de “presença do ausente”, ao mostrar as imagens e perguntar:

Quantos são?
Quantos eram?
Quantos chegaram?
Quantos chegarão?
Quantos se foram?
Quantos sobraram? (MARTINS, 2017, p. 114)

O autor mostra, assim, que a fotografia, além de narrar, deixa perguntas em aberto, como toda obra de arte. Ao pesquisar, por meio de fotografias, os relatos de fé no Brasil, o mesmo autor ainda afirma: “eu não diria que a fotografia de interesse sociológico possa ser considerada híbrida combinação de ficção e realidade. O ilusório é sociologicamente mediação constitutiva do real” (MARTINS, 2017, p. 66).

Independentemente de vantagens ou desvantagens, o uso de narrativa fotográficas é um meio possível para a pesquisa acerca da identidade do professor. O método é a possibilidade de integrar pesquisa e práticas de formação atuando, principalmente, no campo da construção de sentido para a profissão docente e na busca de princípios teórico-metodológicos para a formação de professores.

Compreende-se o método da pesquisa autobiográfica como um desafio no sentido de integrar a pesquisa com a vida, não sendo a pesquisa um elemento colocado de fora do educador, mas algo que surge da própria experiência. E surgindo da própria experiência de vida, vai servir como elemento importante na construção da identidade.

Referências

BERKEMBROCK-ROSITO, Margarete May. Colcha de Retalhos e a beleza da narrativa de si. In: PEREZ, L. M. V.; BERKEMBROCK-ROSITO, M. M; JABLONSKI, A. D. (Orgs.). **Costurando as nossas histórias**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010, p. 34-53.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 27 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança**. 15 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?** São Paulo: Paulus, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** 2 ed., São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Moysés Romero Borges. **Educação estética e fotografia na formação de professores em nível do ensino médio:** a relevância das contribuições de Adorno e Freire. 2011, 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação. **Rizoma Freiriano**, Espanha, v. 11, n. 11, 2011. Disponível em: <http://www.rizoma-freireano.org/narrativas-autobiograficas-solidariedade-e-etica-em-educacao-maria-da-conceicao-passeggi>. Acesso em: 3 set. 2019.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação:** rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2004.

RICOEUR, Paul. A Identidade Narrativa. In: CORREIA, Carlos João. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Tradução comentada de “L’identité Narrative” de Paul Ricoeur. **Arquipélago**, 7, 2000, p. 177-194. **Porta 33**, Portugal. Disponível em: [https://www.porta33.com/eventos/content_eventos/Identidade\(s\)/_pdf/Paul_Ricoeur_A%20IDENTIDADE_NARRATIVA.pdf](https://www.porta33.com/eventos/content_eventos/Identidade(s)/_pdf/Paul_Ricoeur_A%20IDENTIDADE_NARRATIVA.pdf). Acesso em: 3 set. 2019.

_____. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alan França et al. Campinas: Unicamp, 2008.

_____. **O si mesmo como um outro.** Trad. Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Tempo e narrativa vol. 1: A intriga e a narrativa histórica.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Teoria da Interpretação**: O discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1999.

SOUZA, Elizeu Clementino. Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. Histórias de vida e formação de professores. **Salto para o futuro**, Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, Boletim 1, Brasília, mar./2007, TV Escola.

TREZZI, Clóvis; BERKEMBROCK-ROSITO, Margarete May. Fundamentos da educação estética na formação de professores. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 35-45, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_3_2/4_rev_n6_clovis_2.pdf>. Acesso em 3 set. 2019.